

O CONSUMO DE ÁLCOOL PELOS JOVENS DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO NO DISTRITO DE BEJA: CONTRIBUTOS PARA A DEFINIÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO SELECTIVA

Teresa Tavares, J. Bonito, M. Manuela Oliveira

Universidade de Évora

Resumo: O álcool é a droga mais procurada no mundo, tendo-se registado um grande aumento do consumo pelos jovens. Este estudo identifica as representações que os alunos dos ensinos básico (9.º ano) e secundário das escolas do distrito de Beja têm acerca do consumo de bebidas alcoólicas, nos diferentes contextos sociais e, posteriormente, concebe e implementa um programa de intervenção preventiva selectiva do consumo de álcool, pelo jovens, em meio escolar.

Palavras-chave: Jovens, consumos, dependência, prevenção.

1. Introdução

O consumo de bebidas alcoólicas tem sido, manifestamente, muito bem tolerado pela sociedade portuguesa. É associado à diversão, a comemorações, a brindes, a cerimónias religiosas, a hábitos sociais, a tradições, à medicina e até como fonte de inspiração. Pese embora o preceito legal que estabelece a proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos, a quem se apresente notoriamente embriagado ou a quem aparente possuir anomalia psíquica (Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de Janeiro), o consumo de bebidas alcoólicas não é visto, pela mesma sociedade, como se de uma droga se tratasse. Consequentemente, não é difícil ao comum dos cidadãos observar a venda de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos, nos vários tipos de estabelecimentos comerciais, assim como notar alguma falta de fiscalização por parte das entidades competentes para a fazerem.

Por outro lado, encontramos, amiúde, a ideia de que algumas pessoas são dependentes do consumo de bebidas alcoólicas mas, ainda assim, esta dependência é encarada como um estado de vontade, mais ou menos passageira, que pode vir a desaparecer apenas pela mudança de atitude. Não é comum associar-se esta dependência a um problema de saúde mental, quando de facto o é.

Uma simples curiosidade ou um mero hábito social pode conduzir a estados de dependência, cujas consequências a nível biológico, social, psicológico, emocional, económico, conseguem condicionar todo o percurso de vida. Para além disso, o consumo está intimamente enraizado a determinados mitos e concepções

alternativas acerca dos efeitos do álcool no organismo, que dificultam a mudança de mentalidades e de comportamentos.

Se dirigirmos o olhar para o nível familiar, percebe-se que o consumo de álcool é mais aceite que o de tabaco. Algumas vezes é a própria família a estimular o seu consumo. A investigação detectou que filhos, sobrinhos e netos consomem bebidas alcoólicas (principalmente, vinho ou cerveja) para se “emanciparem” na sua masculinidade, frequentemente incitados pelos homens da família. Diz-se, em jargão: “É de homem! E homem que é homem bebe!”

A escola tem sido apontada como um dos locais privilegiados para trabalhar no âmbito da educação para a saúde, facilitadora da mudança de atitudes e de comportamentos face ao consumo de álcool. A escola pode e deve assumir-se como promotora de estilos de vida saudável.

Coalescendo com esta escola, uma comunidade seduz as crianças e jovens para a antítese do saudável. Esta dissociação de valores (entre o comportamento que se sabe desejado e aquele que se gera por antítese) cria nos jovens com acesso a dinheiro e a liberdades que outrora eram de menor dimensão, estilos de vida nocturnos (contagiando, posteriormente, os diurnos), onde a presença de bebidas alcoólicas é constante. Novas experiências e fenómenos surgem sem demora, incluindo, por exemplo, o *binge drinking*, cujo objectivo é produzir um estado de rápida embriaguez. E nesta dissociação comunitária, percebe-se a tolerância para o consumo e a condenação dos comportamentos que o mesmo gerou.

Este estudo parte da motivação de melhor compreender o fenómeno do consumo de álcool entre as crianças e jovens escolares, para se poder intervir sobre essa realidade, no domínio da prevenção selectiva. Desenvolve-se, por isso, com uma investigação-acção, com alunos dos ensinos Básico (9.º ano) e secundário das escolas e agrupamentos do distrito de Beja.

Num primeiro momento, foi construído, de raiz, um questionário que avalia as representações dos alunos, sobre o consumo de álcool e aplicado entre Maio e Junho de 2011. A informação recolhida será tratada e alvo de análise estatística descritiva e inferencial. Posteriormente, com base nesta análise, será concebido um programa preventivo na Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja e avaliados alguns dos seus efeitos sobre as representações e declarações de práticas dos jovens envolvidos.

2. Objectivos

O tema definido para este projecto é a "*promoção de hábitos de vida saudável em meio escolar: os efeitos do consumo de álcool nos alunos dos ensinos básico (9.º ano) e secundário das escolas do Distrito de Beja*".

Questão-problema: Em que medida as representações dos jovens dos ensinos básico (9.º ano) e secundário sobre as bebidas alcoólicas álcool são determinantes para as suas práticas de consumo?

A nossa questão de partida leva-nos a determinar as representações da população dos alunos dos ensinos básico (9.º ano) e secundário das escolas do distrito de Beja, acerca dos efeitos do consumo de álcool, em diferentes contextos sociais, permitindo desenvolver e aplicar um programa de intervenção na Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, no âmbito do Projecto de Educação para a Saúde. Com este projecto pretendemos esclarecer falsos conceitos ou crenças dos alunos, e prevenir e/ou reduzir o consumo de álcool, pelos jovens. Este estudo poderá aprofundar e alargar o campo de investigação, podendo ser bastante útil para a escola, professores e alunos, contribuindo para a melhoria da promoção de hábitos de vida saudável.

Neste trabalho foram definidos os seguintes objectivos:

Ob1 – Identificar se as representações dos jovens escolares sobre os efeitos do consumo de bebidas alcoólicas variam em função do sexo, idade, e níveis de escolaridade, familiar, social, económico e cultural.

Ob2 – Caracterizar as representações, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos jovens acerca do consumo de álcool.

Ob3 – Descrever os hábitos de consumo de álcool dos jovens estudantes (tipo de bebida, dia, hora, ocasião, locais, quantidade, frequência, com quem, contextos sociais).

Ob4 – Identificar os factores que induzem os adolescentes a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas.

Ob5 – Implementar um projecto de intervenção em educação para a saúde no âmbito da prevenção e redução do consumo de bebidas alcoólicas.

3. Metodologia

3.1. Participantes

Para esta investigação foram seleccionados alunos do ensino básico (9.º ano) e do ensino secundário (10.º, 11.º e 12.º anos). Este público-alvo foi seleccionado, com base na análise de alguns estudos disponíveis.

A população de alunos do ensino básico (9.º ano) e do ensino secundário (10.º, 11.º e 12.º anos) é constituída por mais de 4 000 elementos. Como não pretendemos fazer um estudo de Censos, seleccionámos uma amostra que se pretendia superior a 500 alunos. Assim, foram aplicados os questionários a oito turmas de cada ano seleccionado, de Escolas Básicas de 2.º e 3.º Ciclo e Escolas Secundárias c/ 3.º Ciclo, do distrito de Beja.

Os dados do Inquérito Nacional de Saúde (INSA) de 2005-2006 apontam para um crescimento da percentagem de consumidores de álcool no Alentejo, comparativamente ao INSA de 1995-1996, enquanto que nas demais regiões do país a tendência é inversa. A taxa de prevalência de consumo de álcool pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário tem aumentado, entre 2001 e 2006, sendo mais elevada no Alentejo. Há a destacar os distritos de Portalegre, Évora e Beja, sendo este último, o que se apresenta com maior taxa de prevalência de consumo de bebidas alcoólicas. Também é no Alentejo onde há maior taxa de embriaguez entre os alunos de 3.º ciclo e do secundário (Feijão, 2010).

3.2. Desenho da Investigação

Trata-se de um estudo misto/híbrido/combinação, onde a pesquisa qualitativa se complementa com a quantitativa. Através da investigação quantitativa pretendemos identificar as representações dos alunos acerca dos efeitos do consumo do álcool, mas dificilmente chegamos aos "porquês", e através da investigação qualitativa vamos tentar explicar e compreender "o quê" e "o porquê" (Ribeiro, 2010).

Este estudo desenvolve-se com base num desenho observacional, no qual o investigador não intervém (inicialmente). Desenvolvem-se procedimentos para descrever acontecimentos que ocorrem naturalmente, sem intervenção, e qual o efeito nos sujeitos em estudo. Neste caso, será um estudo observacional descritivo, que fornece informação acerca da população em estudo.

Com esta metodologia pretende-se fazer uma abordagem, predominantemente, interpretativa (Interpretativismo) para que seja, posteriormente, interventiva.

A metodologia escolhida foi a de Investigação-Acção (IA) crítica (Colás, 1998; Coutinho, 2009), por se considerar que este estudo é demasiado pertinente e preocupante, para que o investiguemos apenas e não façamos uma intervenção pró-activa, promovendo uma mudança social, que não se prevê fácil, nem imediata. A I-A é um estudo situacional, que se prende com o diagnóstico de um problema num determinado contexto e que procura a sua resolução, nesse mesmo contexto (Sousa, 2005). Este tipo de I-A tem por objectivo participar na transformação social, ou seja, uma investigação de implicação pela acção. Segundo Coutinho (2009), a IA é uma metodologia de investigação que inclui acção ou mudança e investigação ou compreensão ao mesmo tempo, seguindo um percurso cíclico ou em espiral, que alterna acção e reflexão crítica. Segundo Coutinho (2009), a IA é uma metodologia de pesquisa essencialmente prática e aplicada, que surge da necessidade de resolver ou atenuar problemas reais. É prática e interventiva, pois não se limita a descrever a realidade, intervém nessa mesma realidade, estando a acção ligada à mudança (Coutinho, 2005). A I-A crítica ou emancipadora pretende intervir na transformação do sistema, tentando implementar soluções que promovam a melhoria da acção. Esta modalidade de I-A desenvolve-se num ambiente de colaboração social, preconizando intencionalmente a mudança (Coutinho, 2009).

As representações que os alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário da Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, têm acerca dos efeitos do consumo de álcool na adolescência, em diferentes contextos sociais, têm interesse em educação e formação para a cidadania, pois cabe também ao professor educar e formar os jovens para que sejam cidadãos responsáveis, activos e interventivos na sociedade. Assim, será feito um diagnóstico inicial, onde procuramos identificar essas representações dos alunos acerca dos efeitos do consumo de álcool, em diferentes contextos sociais, de uma amostra mais lata de, aproximadamente, 800 alunos, para as podermos compreender e, posteriormente termos uma intervenção preventiva junto dos alunos da Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, tendo em conta as necessidades diagnosticadas. Para que o programa de intervenção seja eficaz e se obtenha o resultado pretendido, não podemos querer que o nosso público-alvo da acção seja muito lato.

Como técnicas de recolha de dados pretende-se utilizar:

- Inquérito por questionário a aplicar aos alunos, com vista à identificação das suas representações acerca dos efeitos do consumo de álcool na adolescência, em diferentes contextos sociais;

A informação recolhida será sujeita a tratamento e análise estatística descritiva e inferencial (como os testes de significância para a comprovação das relações e das diferenças entre variáveis), através do programa informático *SPSS*.

- Como complemento, recorreremos a procedimentos de análise documental, particularmente ligados à apreciação de conteúdos dos documentos estruturantes.
- Observação naturalista dos comportamentos e atitudes dos alunos face ao álcool, em situações festivas, como por ex. baile de finalistas.
- Abordagem através de conversas informais, que não sendo estruturadas, podem ser elucidativas acerca das representações e comportamentos face ao consumo do álcool.

O nosso papel privilegiado de educadora e formadora de cidadãos conscientes permite-nos ir mais além, concebendo um plano de intervenção, no âmbito do Projecto de Educação para a Saúde, com vista à prevenção e diminuição do consumo de bebidas alcoólicas. Espera-se assim, que a investigação contribua para a melhoria de estratégias utilizadas.

Após recolha, tratamento e análise dos dados obtidos neste público-alvo, nos inquéritos por questionário, será desenvolvido um programa de intervenção, que se pretende que previna ou diminua os de consumos de álcool pelos jovens.

- Aplicação do mesmo questionário (pós-questionário) a alunos da Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I, de Beja. Será aplicado o pós-questionário com vista à procura de evidências sobre a eficácia do programa de intervenção preventiva do consumo de álcool. Tentaremos verificar se as representações dos alunos acerca do consumo de álcool se alteraram e, se tal acontecer, em que medida interferem nos seus consumos, avaliando a eficácia do programa de intervenção preventiva.

- A aplicação do pós-questionário será complementada com a realização de entrevistas finais aos alunos, após a implementação do projecto de intervenção, para avaliação do mesmo.

3.3. Procedimentos já realizados

Na ausência de um questionário já validado que contemplasse o grande número de variáveis e de representações que pretendemos medir e caracterizar, procedemos à construção e validação de um questionário. Após longa pesquisa, começámos por construir o questionário, que tem como objectivo recolher a informação sobre as representações dos alunos dos Ensinos Básico (9.º ano) e Secundário, acerca das representações e dos efeitos do consumo de álcool, dos jovens, em diferentes contextos. O questionário foi dividido em três dimensões: sócio-cultural, pessoal e

representações sociais e, tendo em conta estas dimensões, os objectivos do estudo e a revisão da literatura, começámos a formular as questões, da qual resultou a seguinte matriz, que se apresenta na tabela 1.

Tabela 1 - *Matriz Objectivos/Questões*

	Dimensão	Sub-dimensão	Objectivo	Pergunta
Parte I	Sócio-cultural		Objectivo 1	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7.1, 7.2., 8, 8.1, 9
Parte II	Pessoal	Representações, Atitudes, Comportamentos e Crenças	Objectivo 2	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40
		Hábitos de consumo e contextos sociais	Objectivo 3	1 a 34, 36, 37
		Factores que induzem os consumos	Objectivo 4	5, 6, 7, 8, 9, 34, 37, 39
Parte III	Representações sociais	Representações, Atitudes, Comportamentos e Crenças	Objectivo 2	1 a 74
		Hábitos de consumo e contextos sociais	Objectivo 3	8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 64, 71, 72
		Factores que induzem os consumos	Objectivo 4	7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 39

Posteriormente, o questionário foi submetido à análise da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), do Ministério da Educação, com vista à obtenção de autorização para ser aplicado aos alunos das escolas. Foram contactados os directores das escolas do distrito de Beja, para se solicitar autorização para aplicar o questionário aos alunos das suas escolas, bem como indicação do número de alunos por turma e enviar os pedidos de autorização aos encarregados de educação.

O questionário foi sujeito à apreciação e validação por parte de quatro especialistas, Prof. Doutor Jorge Bonito, Prof. Doutor Domingos Neto, Prof. Doutor

António Neto, Prof.^a Doutora Margarida Gaspar de Matos, cujas críticas e sugestões foram extremamente levadas em consideração para a melhoria do mesmo. Depois de realizadas as devidas alterações, o questionário-piloto foi aplicado a uma pequena amostra de vinte e sete alunos da Escola Secundária c/ 3.º Ciclo D. Manuel I, de Beja, sendo treze alunos do 9.º ano e de catorze alunos do 12.º ano. Este questionário-piloto pretendeu identificar possíveis ambiguidades nas questões, perguntas supérfluas, necessidades de reformulação de questões, adequação ou não da ordem de apresentação e número de questões, adequação e entendimento da linguagem.

O questionário foi reformulado, a fim de torná-lo mais adequado aos objectivos da investigação, não o alterando os seus objectivos. A amostra a que foi aplicado o questionário-piloto não constou da amostra final, para evitar a contaminação dos resultados.

Após os reajustes finais necessários, procedemos à aplicação directa dos inquéritos por questionários de auto-relato, entre Maio e Junho de 2011, à amostra de alunos do 3.º ciclo do ensino básico (9.º ano) e ensino secundário, do Distrito de Beja. Juntamente a este pré-questionário foi aplicado o questionário AUDIT.

4. Limitações e implicações

Há limitações e constrangimentos que se prendem com a falta de tempo, devido ao facto do desenvolvimento do projecto se fazer paralelamente à actividade profissional, que é bastante exigente e absorvente. Pretendemos com este projecto promover e desenvolver uma intervenção pró-activa junto dos jovens, com vista à mudança de hábitos, comportamentos e crenças.

5. Bibliografia

- Aday, L. A. (1989). *Designing and conducting health surveys: A comprehensive guide*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Colás, M. P. (1998). La investigación-acción. In M. P. Colás e L. Buendía (Orgs.), *Investigación educativa*. (3.ª ed). (pp. 291-315). Sevilla: Ediciones Alfar.
- Coutinho, C. P. (2005). *Percurso de investigação em tecnologia educativa em Portugal: Uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: IEP. Universidade do Minho.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009, 13 Fevereiro). *Investigação-Acção. Metodologia preferencial nas práticas educativas*.

In *Revista Psicologia Educação e Cultura* [Instituto de Educação da Universidade do Minho], XIII (2), 455-479.

- ESPAD European School Survey Project on Alcohol and Drugs (2007). *Substance use among students in 35 european countries*. Obtido em 6 de Setembro, de http://www.espad.org/documents/Espad/ESPAD_reports/2007/The_2007_ESPAD_Report-FULL_091006.pdf

- Feijão, F., & Lavado, E. (2001). *Inquérito nacional em meio escolar. 2001 – 3.º ciclo do ensino básico. Consumo de drogas e outras substâncias psicoactivas*. Obtido em 21 de Setembro de 2010, de http://www.ipdt.pt/relatorios/relatorio_2001/infoestatistica2001/inme.pdf

- Feijão, F., & Lavado, E. (2003). *Os adolescentes e o álcool: Estudo sobre o consumo de Álcool, Tabaco e Droga*. Obtido em 22 de Setembro de 2010, de http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ECATD/ecatd_Alcool.pdf

- Feijão, F., & Lavado, E. (2004). *ESPAD/2003 – Portugal. Que evolução de 1999 para 2003? Resultados preliminares*. Obtido em 22 de Setembro de 2010, de http://www.idt.pt/media/relatorios/investigacao/ESPAD_2003.pdf

- Feijão, F. (2010, 22 Fevereiro). Epidemiologia do consumo de álcool entre os adolescentes escolarizados a nível nacional e nas diferentes regiões geográficas. In *Revista Toxicodependências* [Edição IDT], 16 (1), 29-46.

- Ferreira-Borges, C., & Filho, H. C. (2004) – *Usos, abusos e dependências. Alcoolismo e toxicodependências*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Ferreira, J. (2008). *O Top 20 das drogas mais perigosas*. Obtido em 16 de Julho de 2010, de <http://ciberculturaismt.pbworks.com/O-Top-20-das-Drogas-mais-perigosas>

- Gameiro, A. (1998). *Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas em Portugal*. s.l.: Editorial Hospitalidade.

- IDT Instituto da Droga e da Toxicodependência (2003). *ECATD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga*. Obtido em 20 de Setembro de 2010, de <http://www.idt.pt/PT/Estatistica/Documents/Tendenciaspor drogas08.pdf>

- IDT Instituto da Droga e da Toxicodependência (2009). *Substâncias: Álcool*. Obtido em 10 de Agosto de 2010, de <http://www.idt.pt/PT/Substancias/Alcool/Paginas/Historico.aspx>
- INSA Inquérito Nacional de Saúde (2006). *Inquéritos nacionais de saúde*. Obtido em 27 de Agosto de 2010, de http://www.onsa.pt/conteu/proj_ins.html
- INSA Inquérito Nacional de Saúde (2007). *4.º Inquérito nacional de saúde*. Obtido em 27 de Agosto de 2010, de <http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2007/8/ivins.htm>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas.
- Matos, M. G., & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses: Quatro anos depois*. Lisboa: Edições FMH
- Matos, M. G., & Sampaio, D. (Coord.) (2009) – *Jovens com saúde*. Lisboa: Texto Editora
- Portal da saúde (2008). *O álcool e os jovens*. Obtido em 8 de Agosto de 2010, de <http://www.minsaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/noticias/arquivo/2008/10/alcool+jovens.htm>
- Portal da Saúde (2009). *Jovens consomem menos tabaco e mais álcool*. Obtido em 15 de Agosto de 2010, de <http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/servicos+online/send+newsletter/newsletter1309.htm>
- PORTUGAL, DGS (2002) – *Relatório de 2001 do Director-Geral e Alto-comissário da Saúde*. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde
- Punch, K. (2005). *Introduction to social research: Quantitative and qualitative approaches*. London: Sage publication.
- Ribeiro, J. (2010). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editora/Livpsic
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Schuckit, M. (1991). *Abuso de álcool e drogas: Uma orientação clínica do diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Editora Artes Médica.
- Schuckit, M. A. (1998). *Abuso de álcool e drogas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- LEGISLAÇÃO:
 - Despacho de Setembro de 2009, do Projecto de Educação para a Saúde
 - Despacho de 27 de Setembro de 2006
 - PROGRAMA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR: Despacho n.º 12.045/2006 (2.ª série), Publicado no Diário da República n.º 110 de 7 de Junho
 - Despacho n.º 25 995/2005 (2.a série).
 - Lei n.º 14/2005, de 26 de Janeiro
 - Lei n.º 47/2003, de 22 de Agosto
 - Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de Janeiro
 - Lei n.º 30/2000, de 29 de Novembro
 - Despacho conjunto n.º 734/2000, de 18 de Julho de 2000
 - Despacho n.º 15587/99 (2ª Série), DR nº 187, de 12 de Agosto
 - Decreto-Lei n.º 15/93, de 22 de Janeiro
 - Lei n.º 48/90, de 24 de Agosto: Lei de Bases da Saúde